

Capítulo 52

[...]

Dia 1º de dezembro de 1955, uma terça-feira, tornou-se uma data histórica.

Rosa Parks, uma costureira negra, voltando do trabalho, entrou no ônibus, pagou a passagem e, exausta, sentou-se no primeiro banco que encontrou. Acima de sua cabeça havia uma placa: "Somente para brancos".

- Estou moída - Rosa disse para dois senhores negros também sentados na ala reservada aos brancos.

O ônibus foi parando nos pontos, recolhendo trabalhadores que voltavam de seus empregos. O dia estava frio. Os passageiros brancos iam entrando e o motorista ordenava aos negros que se levantassem e dessem seus lugares a eles.

- Não me façam repetir a mesma frase de sempre, negros encardidos! - o motorista falou. O lugar é dos brancos.

Os dois senhores negros, sentados perto de Rosa, com receio de causar confusão, cederam seus lugares. Em Montgomery, como em quase toda a América, negro nunca tinha razão. Porém, Rosa não saiu do lugar.

Houve um impasse: os brancos, em pé, próximos de Rosa, esperando que ela se levantasse, e a mulher irredutível:

- Vou viajar sentada, sou uma senhora de idade, os cavaleiros que viajem em pé.

- Ei, senhora - um rapaz negro advertiu. - É melhor fazer o que ele manda, senão...

- Vou chamar a polícia! - o motorista vociferou, mas Rosa não obedeceu.

- Hoje não, meu filho - Rosa cismou. - Tenha a santa paciência, isso não é justo. absolutamente, não é justo!

irado, o motorista encostou o ônibus e chamou um policial. e Rosa foi levada para a cadeia.

E. D. Nixon, presidente do grupo mais antigo de defesa dos direitos civis dos negros, a Associação Nacional para a Emancipação das Pessoas de Cor (NAACP), foi um dos primeiros a saber da prisão de Rosa Parks, que já havia trabalhado com ele. A fiança foi paga e Rosa libertada, porém, ele ficou profundamente incomodado com aquela afronta ao povo negro.

No dia seguinte, Mr. Nixon telefonou para Martin:

- Bom dia, Mr. King, desculpe incomodá-lo a essa hora, mas o motivo é grave.

- Pois não, Mr. Nixon - respondeu Martin tranquilamente.

Ao ser informado do acontecido em detalhes, Martin foi tomado de um sentimento de urgência.

- É agora! A hora é agora, Mr. Nixon! - bradou Martin. - Vamos nos reunir hoje às sete da noite na igreja. Convoque os outros líderes, precisamos tomar uma atitude em relação a isso!

- Coretta, meu amor - Martin falou para a mulher assim que desligou o telefone.

- Chegou o momento!

Apesar da gravidade da situação, Martin foi tomado de uma estranha alegria que perdurou durante todo o dia. Parecia Romeu apaixonado aguardando o momento de encontrar sua Julieta.

Pontualmente às sete horas começou a reunião. a igreja estava lotada, o clima era tenso. Martin usou de todo o seu poder de persuasão para que a reunião não descambasse para a incitação à violência como forma de revide.

- O momento pede que sejamos inteligentes, meus irmãos - Martin começou sua fala de modo sereno. - sejamos suaves e incisivos. nada de agressão, isso só daria motivos para que a opinião pública se voltasse contra nós.

- O que fizeram com aquela senhora foi um insulto, pastor! - gritou um homem no fundo da igreja. - Vamos deixar passar?

- De maneira nenhuma - interveio Mr. Nixon - Nós estamos aqui reunidos para que isso não passe em branco. a questão é; como vamos agir politicamente para que a situação nos favoreça?

- Não é hora de política, mas de ação - retomou o mesmo homem.

- A política é uma ação inteligente, irmão - Mr. Nixon atalhou sem se alterar.

Martin retomou o controle da situação:

- Hoje de manhã, Mr. Nixon e eu conversamos e achamos que uma boa e eficiente maneira de responder a este ato humilhante é o boicote. Não vamos usar o ônibus. Vai doer no bolso deles, depois a dor vai subir para a consciência. É o que esperamos. se não subir, não faz mal, a ação vai ser eficiente do mesmo jeito.

- Boicote já! - gritaram vários líderes.

[...]

WHITMAN, Christie - *O jovem Martin Luther King* - São Paulo: Editora Nova Alexandria, 2015 - 4ª edição - pp. 137 - 139)